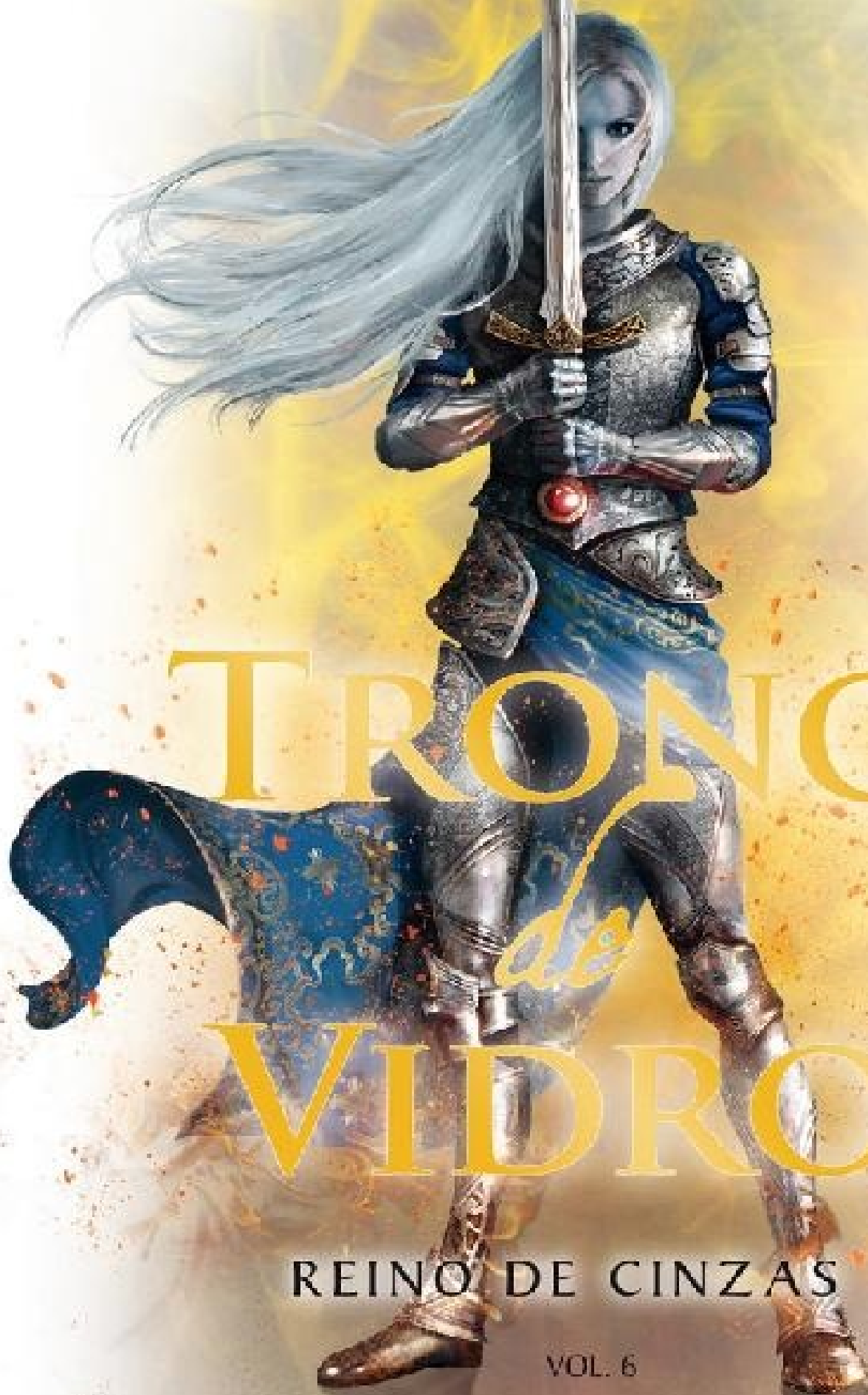


SARAH J. MAAS



TRONO
de
VIDRO

REINO DE CINZAS

VOL. 6

Obras da autora publicadas pela Editora Record

Série Trono de vidro

Trono de vidro

Coroa da meia-noite

Herdeira do fogo

Rainha das sombras Império de tempestades - Tomo I

Império de tempestades - Tomo II

Reino de cinzas

A lâmina assassina

Torre do alvorecer

Série Corte de espinhos e rosas

Corte de espinhos e rosas

Corte de névoa e fúria

Corte de gelo e estrelas

SARAH J. MAAS

TRONO *de* VIDRO

REINO DE CINZAS

VOL. 6

Tradução

Mariana Kohnert

1ª edição

— **Galera** —

Rio de Janeiro | 2019

Star Books Digital

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Maas, Sarah J.

Reino de cinzas [recurso eletrônico]/ Sarah J. Maas; tradução Mariana Kohnert. – 1ª ed. –Rio de Janeiro: Galera Record, 2019.

(Trono de vidro; 6)

recurso digital

Tradução de: Kingdom of ash Sequência de: Império de tempestades Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions Modo de acesso: world wide web ISBN 978-85-01-11700-7 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Literatura fantástica. 3. Livros eletrônicos I. Kohnert, Mariana. II. Título. III. Série.

CDU: 82-3(81)

Título original:

Kingdom of Ash Copyright © Sarah J Maas, 2018

Esta tradução de *Kingdom of Ash* foi publicada mediante acordo com Bloomsbury Publishing Inc.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11700-7

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor: sac@record.com.br.



*Para meus pais,
por me ensinarem a acreditar que meninas podem salvar o mundo.*

➤ SUMÁRIO ➤

O príncipe

A princesa

PARTE UM | Exércitos e aliados

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

PARTE DOIS | Deuses e Portões

68

69

70

71

72

73

74

75

76

77

78

79

80

81

82

83

84

85

86

87

88

89

90

91

92

93

94

95

96

97

98

99

100

101

102

103

104

105

106

107

108

109

110

111

112

113

114

115

116

117

118

119

120

121

Um mundo melhor

Agradecimentos

❧ O PRÍNCIPE ❧

Ele a estava caçando desde o momento em que ela fora tirada dele.

Sua parceira.

Mal se lembrava do próprio nome. E só se lembrava porque os três companheiros o repetiam enquanto procuravam por ela através de mares violentos e escuros, em meio a florestas antigas e dormentes, sobre montanhas varridas por tempestades e já enterradas na neve.

Ele parava por tempo o bastante para alimentar o corpo e dar aos companheiros algumas horas de sono. Não fosse por eles, teria alçado voo, disparando para muito longe.

Mas precisaria da força de suas lâminas e magia, precisaria da esperteza e da sabedoria dos companheiros antes de aquilo acabar.

Antes de ele enfrentar a rainha sombria que o havia dilacerado por dentro, roubando sua parceira muito antes que ela fosse trancada em um caixão de ferro. E depois que terminasse com a rainha sombria, depois daquilo, enfrentaria os próprios deuses de sangue frio, determinados a destruir o que talvez ainda restasse de sua parceira.

Por isso, ele permanecia com seus companheiros, mesmo conforme dias se passavam. Então semanas.

Então meses.

Ainda assim, ele buscava. Ainda assim, ele a caçava a cada estrada empoeirada e esquecida.

E, às vezes, falava pelo laço entre os dois, lançando sua alma ao vento para onde quer que ela estivesse presa, enterrada.

Encontrarei você.

≡ A PRINCESA ≡

O ferro a sufocava e tinha extinguido o fogo em suas veias tão precisamente quanto se as chamas tivessem sido encharcadas.

Ela conseguia ouvir a água, mesmo na caixa de ferro, mesmo com a máscara de ferro e as correntes adornando-a como fitas de seda. O rugido, a corrente infinita de água sobre pedra: aquilo preenchia o vazio entre seus gritos.

Um fiapo de ilha no coração de um rio oculto por névoa, pouco mais do que um pedaço liso de rocha entre corredeiras e cachoeiras. Era onde a haviam colocado. Onde a armazenaram. Em um templo de pedra construído para algum deus esquecido.

Assim como ela provavelmente seria esquecida. Era melhor do que a alternativa: ser lembrada por seu fracasso total. Se é que restaria alguém para se lembrar dela. Se é que sequer restaria alguém.

Ela não permitiria. Aquele fracasso.

Não contaria o que queriam saber.

Não importava com que frequência seus gritos abafassem o rio revoltado. Não importava com que frequência o estalar de seus ossos interrompesse os urros das corredeiras.

Ela tentara contar os dias.

Mas não sabia por quanto tempo a haviam mantido naquela caixa de ferro. Por quanto tempo a haviam obrigado a dormir, embalada no esquecimento pela fumaça doce despejada ali dentro enquanto viajavam até aquele lugar. Até aquela ilha, aquele templo de dor.

Não sabia por quanto tempo duravam os intervalos entre seus gritos e seus momentos acordada. Entre a dor que terminava e começava novamente.

Dias, meses, anos — escorriam assim como seu sangue escorria sobre o piso de pedra, em direção ao rio.

Uma princesa que deveria viver por mil anos. Ou mais.

Aquilo fora uma dádiva. Agora era sua maldição.

Outra maldição para carregar, tão pesada quanto aquela colocada sobre ela muito antes de seu nascimento. Sacrificar-se para consertar um erro antigo.

Pagar a dívida de outra aos deuses que tinham encontrado aquele mundo e ficado presos nele. Governando-o.

Ela não sentia a mão quente da deusa que a abençoara e condenara com poder tão terrível. E se perguntava se aquela deusa de luz e chamas sequer se importava que ela estivesse presa na caixa de ferro — ou se a imortal tinha transferido a atenção para outro. Para o rei que poderia se oferecer no lugar dela e, ao entregar a própria vida, poupar o mundo.

Os deuses não se importavam com quem pagasse a dívida. Então ela sabia que não iriam até ela, não a salvariam. Por isso não se incomodou em rezar para eles.

Mas, ainda assim, ela contava a história para si mesma; ainda assim, às vezes, imaginava que o rio a contava para ela. Que a escuridão viva dentro do caixão selado também a contava para ela.

Era uma vez, em uma terra há muito queimada até virar cinzas, uma jovem princesa que amava seu reino...

E para baixo ela ia, afundando nas profundezas daquela escuridão, do mar de chamas. Tão profundamente que, quando o chicote estalava, quando ossos se partiam, ela às vezes não sentia.

Na maioria das vezes, sentia.

Era durante aquelas horas infinitas que ela fixava o olhar em seu companheiro.

Não no caçador da rainha, que podia causar dor como um músico tirando a melodia de um instrumento. Mas no imenso lobo branco, acorrentado por amarras invisíveis. Forçado a testemunhar aquilo.

Havia dias em que ela não suportava olhar para o lobo. Quando chegava perto, perto demais, de quebrar. E apenas a história a impedia.

Era uma vez, em uma terra há muito queimada até virar cinzas, uma jovem princesa que amava seu reino...

Palavras que dissera a um príncipe. Uma vez — havia muito tempo.

Um príncipe de gelo e vento. Um príncipe que lhe pertencera, assim como ela a ele. Muito antes de o laço entre suas almas se tornar conhecido aos dois.

Era sobre ele que recaía a tarefa de proteger aquele reino um dia glorioso.

O príncipe cujo cheiro tinha notas de pinho e neve, o cheiro do reino que ela havia amado com seu coração de fogo selvagem.

Mesmo quando a rainha sombria presidia as sessões do caçador, a princesa pensava nele. Agarrava-se àquela memória como se fosse uma rocha no rio revolto.

A rainha sombria com sorriso de aranha tentava usar isso contra ela. Nas teias de obsidiana que tecia, nas ilusões e nos sonhos que lançava no ápice de cada ponto de destruição, ela tentava deturpar a memória dele, como se virasse uma chave na mente da princesa.

Mesclavam-se. Mentiras e verdades e memórias. Sono e escuridão no interior do caixão de ferro. Os dias atada ao altar de pedra no centro do salão, ou pendurada em um gancho no teto, ou amarrada entre correntes ancoradas na parede de pedra. Tudo começava a ficar borrado, como tinta na água.

Então ela contava a história para si mesma. A escuridão e as chamas nas profundezas de seu corpo também sussurravam, e ela cantava de volta para elas. Trancafiada naquele caixão escondido em uma ilha no coração de um rio, a princesa recitava a história, de novo e de novo, e deixava que liberassem uma eternidade de dor sobre seu corpo.

Era uma vez, em uma terra há muito queimada até virar cinzas, uma jovem princesa que amava seu reino...

PARTE UM

Exércitos e aliados

A neve tinha chegado mais cedo.

Mesmo para Terrasen, a primeira nevasca de outono tinha caído muito antes da época habitual.

Aedion Ashryver não tinha muita certeza de que era uma bênção, mas se mantivesse as legiões de Morath longe da porta deles por mais algum tempo, ele se ajoelharia para agradecer aos deuses. Ainda que esses mesmos deuses ameaçassem tudo que ele amava. Se é que seres de outro mundo podiam ser considerados deuses.

Aedion supunha que tinha coisas mais importantes para contemplar, de qualquer forma.

Durante as duas semanas desde que se reunira com a Devastação, não tinham visto sinais das forças de Erawan, terrestres ou aéreos. A neve espessa começara a cair apenas três dias depois de sua chegada, prejudicando o processo já lento de transportar as tropas reunidas da armada para o extenso acampamento da Devastação na planície de Theralis.

Os navios tinham subido o rio Florine, velejando direto até a porta de Orynth, com bandeiras de todas as cores oscilando ao vento gelado das montanhas Galhada do Cervo: o cobalto e dourado de Wendlyn, o preto e carmesim de Ansel de Penhasco dos Arbustos e a cor prata reluzente da realeza Whitethorn e seus muitos primos. Os Assassinos Silenciosos, dispersados em meio à frota, não tinham bandeira, embora nenhuma fosse necessária para identificá-los — não com as roupas pálidas e a variedade de armas lindas e perigosas.

Os navios em breve se reuniriam à retaguarda deixada na entrada do Florine e patrulhariam a costa desde Ilium até Suria, mas os soldados de infantaria — a maioria parte das forças do príncipe herdeiro Galan Ashryver — iriam para a frente de batalha.

Uma frente de batalha que estava enterrada sob vários metros de neve. Com mais neve caindo.

Escondido acima de um estreito desfiladeiro nas montanhas Galhada do Cervo, atrás de Allbrook, Aedion observou com irritação o céu pesado.

As roupas de pele de cor pálida o mesclavam ao cinza e branco da elevação

rochosa, um capuz escondia seus cabelos dourados. E o mantinha aquecido. Muitas das tropas de Galan jamais tinham visto neve, graças ao clima temperado de Wendlyn. A realeza Whitethorn e sua força limitada não se saía muito melhor. Então Aedion tinha deixado Kyllian, seu comandante de maior confiança, encarregado de assegurar que estivessem tão aquecidos quanto era possível.

Eles estavam longe de casa, lutando por uma rainha que não conheciam ou que talvez nem acreditassem existir. Aquele frio gélido drenaria os humores e causaria discórdia mais rápido do que o vento uivante soprando entre aqueles picos.

Um lampejo de movimento do outro lado do desfiladeiro chamou a atenção de Aedion, visível apenas porque ele sabia para onde olhar.

Ela se camuflara melhor do que ele. Mas Lysandra tinha a vantagem de usar uma pelagem que fora criada naquelas montanhas.

Não que ele tivesse dito isso a ela. Ou sequer tivesse olhado para a metamorfa quando haviam partido naquela missão de reconhecimento.

Aelin, aparentemente, tinha assuntos secretos em Eldrys e deixara um bilhete com Galan e seus novos aliados para explicar seu desaparecimento. O que permitia que Lysandra os acompanhasse naquela tarefa.

Ninguém notara, durante os quase dois meses em que estavam mantendo o ardil, que a Rainha de Fogo não tinha uma brasa para mostrar. Ou que ela e a metamorfa jamais apareciam no mesmo lugar. E ninguém, nem mesmo os Assassinos Silenciosos do deserto Vermelho, ou Galan Ashryver, ou as tropas que Ansel de Penhasco dos Arbustos enviara com a armada na vanguarda do restante de seu exército, tinha reparado nos pequenos sinais que não pertenciam, de forma alguma, a *Aelin*. Também não tinham notado a marca no pulso da rainha que, independentemente da pele que vestisse, Lysandra não conseguia mudar.

Ela se esforçava para esconder a marca com luvas ou mangas longas. E se um lampejo da cicatriz aparecesse, podia ser explicado como um resquício das marcas de grilhões que restavam.

As cicatrizes falsas ela também acrescentara, exatamente onde *Aelin* as tinha. Junto com a risada e o sorriso malicioso. O andar arrogante e a quietude.

Aedion mal suportava olhar para ela. Falar com ela. Só fazia isso porque precisava manter a farsa também. Fingir que era o primo fiel, o comandante

destemido que levaria Terrasen e sua rainha à vitória, por mais improvável que aquilo parecesse.

Então ele interpretava o papel. Um de muitos que interpretara na vida.

Mas no momento em que Lysandra mudava os cabelos dourados para as madeixas escuras, os olhos Ashryver para esmeralda, ele parava de reconhecer sua existência. Em alguns dias, o nó de Terrasen tatuado em seu peito, com os nomes da rainha e da corte em fuga entrelaçados, parecia marcado com um ferrete. O nome dela principalmente.

Aedion apenas a levava naquela missão para que fosse mais fácil. Mais segura. Havia outras vidas em risco além da dele, e embora pudesse ter delegado aquela tarefa de reconhecimento para uma unidade da Devastação, o guerreiro precisava da ação.

Levara mais de um mês para velejar de Eyllwe com os novos aliados, desviando da frota de Morath em torno de Forte da Fenda, e, então, mais as duas últimas semanas para se deslocarem para dentro do continente.

Eles quase não encontraram resistência. Apenas alguns bandos errantes de soldados de Adarlan, nenhum valg entre eles, com os quais lidaram rapidamente.

Aedion duvidava de que Erawan fosse esperar até a primavera. Duvidava de que o silêncio tivesse algo a ver com as condições climáticas. Tinha conversado sobre isso com seus homens, e também com Darrow e os demais lordes alguns dias antes. Erawan provavelmente estava esperando até o ápice do inverno, quando a mobilidade seria mais difícil para o exército de Terrasen, quando os soldados de Aedion estariam fracos depois de meses na neve, com os corpos rígidos de frio. Nem mesmo a fortuna do rei, que Aelin trapaceara a fim de conquistar para eles na última primavera, poderia impedir isso.

Sim, comida e cobertores e roupas podiam ser comprados, mas quando as fileiras de suprimentos estivessem enterradas na neve, que bem fariam? Todo o ouro em Erilea não poderia impedir o lento e constante escoamento de força causado por meses em um acampamento de inverno, expostos aos elementos inclementes de Terrasen.

Darrow e os demais senhores não acreditavam quando Aedion afirmava que Erawan atacaria no ápice do inverno — nem mesmo acreditavam em Ren, quando o Lorde de Allsbrook ecoava em concordância. Erawan não era tolo, diziam eles. Apesar da legião aérea de bruxas, nem mesmo soldados de infantaria valg podiam atravessar a neve com 3 metros de profundidade. Tinham decidido que Erawan esperaria até a primavera.

Ainda assim, Aedion não arriscaria. Nem o príncipe Galan, que permanecera calado durante aquela reunião, mas que o havia procurado mais tarde para externar seu apoio. Precisavam manter as tropas quentes e alimentadas, mantê-las treinadas e prontas para marchar a qualquer momento.

Essa missão de reconhecimento, se a informação de Ren se provasse certa, ajudaria a causa.

Próximo a eles, um arco rangeu, quase inaudível devido ao vento. A ponta e a haste tinham sido pintadas de branco e eram quase invisíveis ao serem miradas com precisão mortal na direção da entrada do desfiladeiro.

Aedion encontrou os olhos de Ren Allsbrook, que estava escondido entre as rochas com a flecha pronta para voar. Coberto pelas mesmas peles brancas e cinza do general e com um cachecol claro sobre a boca, o jovem lorde mal passava de um par de olhos pretos e o vestígio de uma cicatriz profunda.

Aedion indicou para que ele esperasse e, mal olhando na direção da metamorfa do outro lado do desfiladeiro, passou a mesma ordem.

Que os inimigos se aproximassem.

Neve esmagada se misturava à respiração ofegante.

Bem na hora.

Aedion prendeu uma flecha no próprio arco e se abaixou mais na protuberância.

Como a batedora de Ren alegara ao correr para dentro da tenda de Aedion, cinco dias antes, havia seis deles.

Não se incomodaram em se misturar à neve e às rochas. A roupa de pele escura, desgrenhada e estranha, poderia muito bem ter sido um farol contra o branco ofuscante das montanhas Galhada do Cervo. Mas era o fedor, carregado por um vento ágil, que persuadia Aedion.

Valg. Nenhum sinal de um colar em um membro do pequeno grupo, qualquer indício de anel estaria escondido pelas luvas espessas. Aparentemente, mesmo vermes infestados por demônios podiam sentir frio. Ou seus hospedeiros mortais sentiam.

Os inimigos seguiram mais para o interior do desfiladeiro, e a flecha de Ren se manteve firme.

Deixe um vivo, ordenara Aedion antes de assumirem as posições.

Fora um palpite de sorte que os valg escolheriam aquele desfiladeiro, uma

porta dos fundos quase esquecida para as terras baixas de Terrasen. Apenas amplo o bastante para que dois cavalos cavalgassem lado a lado, fora há muito ignorado por exércitos de conquistadores e por mercadores que procuravam vender as mercadorias no interior, além das montanhas Galhada do Cervo.

O que vivia ali, quem ousava morar naquele lugar além de qualquer fronteira reconhecível, Aedion não sabia. Assim como não sabia por que aqueles soldados tinham se aventurado tão profundamente para dentro das montanhas.

Mas descobriria em breve.

A companhia de demônios passou sob eles, e Aedion e Ren se moveram para reposicionar os arcos.

Um disparo direto no crânio. Ele escolheu seu alvo.

O aceno de Aedion foi o único sinal antes de a flecha disparar.



Sangue preto ainda fumegava na neve quando a luta terminou.

Durara apenas alguns minutos. Apenas alguns, depois que as flechas de Ren e de Aedion tinham encontrado os alvos e Lysandra tinha saltado do poleiro para dilacerar outros três. E destrinchar os músculos das panturrilhas do sexto e único sobrevivente da companhia.

O demônio gemeu quando Aedion caminhou em sua direção. A neve aos pés do homem tinha ficado preta, e suas pernas estavam em frangalhos. Como retalhos de uma bandeira ao vento.

Lysandra se sentou perto da cabeça dele, com a mandíbula manchada de ébano e os olhos verdes fixados no rosto pálido do sujeito. Garras afiadas como uma agulha brilhavam nas imensas patas.

Atrás deles, Ren verificou os demais em busca de sinais de vida. A espada se erguia e descia, decapitando-os antes que o ar frígido os tornasse rígidos demais para serem partidos.

— Imundície traidora — sibilou o demônio para Aedion, com o rosto estreito se contraindo de ódio. O fedor entupiu as narinas do guerreiro, lhe envolvendo os sentidos como óleo.

Ele sacou a faca na lateral do corpo, a adaga longa e cruel que Rowan Whitethorn lhe dera, e sorriu maliciosamente.

— Isso pode acabar rápido se você for esperto.

O soldado valg cuspiu nas botas cobertas de neve de Aedion.



O castelo Allsbrook tinha sido erguido com as montanhas Galhada do Cervo às costas e a floresta de Carvalhal aos pés havia mais de quinhentos anos.

Caminhando de um lado para outro diante do fogo crepitante aceso em uma das muitas lareiras imensas, Aedion conseguia contar as marcas de cada inverno brutal sobre as pedras cinzentas. Conseguia sentir naquelas pedras o peso da história carregada do castelo — os anos de bravura e serviço, quando aqueles corredores se encheram de cantoria e guerreiros, assim como os longos anos de tristeza que se seguiram.

Ao lado do fogo, Ren ocupava uma poltrona estofada e desgastada, seus antebraços apoiados nas coxas enquanto encarava as chamas. Tinham chegado tarde na noite anterior, e até mesmo Aedion estivera exausto demais da caminhada através da floresta de Carvalhal coberta de neve para fazer um tour pela moradia. E depois do que tinham feito naquela tarde, ele duvidava de que reuniria energias para isso.

O que um dia fora o grande salão estava silencioso e escuro além do fogo. Acima deles, tapeçarias desbotadas e brasões dos homens da bandeira da família Allsbrook oscilavam ao vento filtrado pelas janelas altas que cobriam um dos lados do aposento. Uma diversidade de pássaros se aninhava nas vigas, encolhidos contra o frio mortal além das paredes antigas da fortaleza.

E, entre eles, um falcão de olhos verdes ouvia cada palavra.

— Se Erawan está buscando uma forma de entrar em Terrasen — disse Ren, por fim —, as montanhas seriam tolice. — Ele franziu a testa para as bandejas deixadas de lado, onde a comida fora devorada minutos antes. Ensopado de cordeiro encorpado e vegetais de raiz assados. Em grande parte insípido, mas quente. — Esta terra não perdoa facilmente. Ele perderia inúmeras tropas apenas para as intempéries.

— Erawan não faz nada sem motivo — replicou Aedion. — A rota mais fácil para Terrasen seria pelas fazendas, nas estradas do norte. É para onde qualquer um esperaria que ele marchasse. Que viesse por lá, ou que lançasse suas forças da costa.

— Ou ambos, por terra e mar.

O general assentiu. Erawan tinha espalhado sua rede amplamente com o desejo de esmagar qualquer resistência que tivesse se erguido no continente. O disfarce do império de Adarlan se fora: de Eyllwe até a fronteira norte de

Adarlan, do litoral do Grande Oceano até a imponente muralha de montanhas que partia o continente deles em dois, a sombra do rei valg crescia a cada dia. Aedion duvidava de que Erawan fosse parar antes de fechar colares pretos em volta do pescoço de todos eles.

E se Erawan conseguisse as duas outras chaves de Wyrđ, se conseguisse abrir o portão de Wyrđ sem resistência e libertasse as hordas de valg do próprio reino, talvez até mesmo escravizando exércitos de outros mundos para usá-los na conquista... Não haveria chance de impedi-lo. Nesse mundo ou em qualquer outro.

Toda a esperança de evitar esse destino terrível estava agora com Dorian Havilliard e Manon Bico Negro. Sobre para onde tinham ido naqueles meses, o que acontecera com os dois, Aedion não ouvira um sussurro. O que supunha ser um bom sinal. A sobrevivência de ambos permanecia em segredo.

Ele falou:

— Então parece estúpido que Erawan desperdice um grupo de reconhecimento para encontrar pequenos desfiladeiros montanhosos. — O guerreiro coçou a bochecha coberta pela barba por fazer. Tinham partido antes do alvorecer no dia anterior, e Aedion escolhera dormir em vez de se barbear. — Não faz sentido, estrategicamente. As bruxas podem voar, por isso mandar batedores para descobrir as fraquezas do terreno é de pouca utilidade. Mas se a informação for para exércitos terrestres... Espremer forças por pequenos desfiladeiros como aquele levaria meses, sem falar no risco devido às condições climáticas.

— O batedor deles ficava rindo — comentou Ren, sacudindo a cabeça e os cabelos pretos na altura dos ombros. — O que estamos deixando passar? O que não estamos vendo? — À luz do fogo, a cicatriz profunda em seu rosto parecia mais forte. Um lembrete dos horrores que Ren tinha suportado, aos quais sua família não sobrevivera.

— Poderia ser para nos deixar confusos. Para fazer com que reposicionemos nossas forças. — Aedion apoiou a mão na lareira, a pedra morna envolvendo sua pele fria.

Ren tinha, de fato, preparado a Devastação nos meses em que Aedion estivera fora, trabalhando de perto com Kyllian para posicioná-los o mais ao sul de Orynth que o alcance de Darrow permitisse. O que, no fim das contas, era logo depois das encostas que ladeavam o limite mais ao sul da planície de Theralis.

Desde então, o jovem lorde entregara o controle a Aedion, embora a

reunião do Lorde de Allsbrook com *Aelin* tivesse sido fria. Tão fria quanto a neve açoitando o exterior daquela fortaleza, para ser preciso.

Lysandra interpretara bem o papel, dominando a culpa e a impaciência de Aelin. E, depois daquilo, sabiamente evitando qualquer situação em que pudessem falar do passado. Não que Ren tivesse demonstrado desejo de relembrar os anos antes da queda de Terrasen. Ou os eventos do último inverno.

Aedion só podia torcer para que Erawan também permanecesse ignorante do fato de que não mais tinham a Portadora do Fogo entre eles. O que as tropas da própria Terrasen diriam ou fariam quando percebessem que a chama de Aelin não os protegeria na batalha, ele não queria considerar.

— Também poderia ser uma manobra legítima que tivemos a sorte de descobrir — ponderou Ren. — Então, arriscamos mover nossas tropas para os desfiladeiros? Há algumas já nas montanhas Galhada do Cervo, atrás de Orynth, e nas planícies setentrionais além delas.

Um movimento esperto da parte de Ren — convencer Darrow a permitir que posicionasse parte da Devastação *atrás* de Orynth, caso Erawan velejasse para o norte e atacasse dali. Aedion não duvidava de que o desgraçado fizesse algo assim.

— Não quero que a Devastação se disperse demais — argumentou o guerreiro, estudando o fogo. Aquela chama era tão diferente, tão diferente do fogo de Aelin. Como se aquele diante dele fosse um fantasma em comparação com a coisa viva que era a magia de sua rainha. — E ainda não temos tropas o bastante para ceder.

Mesmo com as manobras desesperadas e ousadas de Aelin, os aliados que ela recrutara não chegavam nem perto do poder total de Morath. E todo aquele ouro que a rainha reunira não era o bastante para lhes conquistar mais — não quando sobrara tão poucos para convencer e se juntar à causa.

— Aelin não pareceu muito preocupada quando fugiu para Eldrys — murmurou Ren.

Por um momento, Aedion estava em uma faixa de areia encharcada de sangue.

Uma caixa de ferro. Maeve a pegara e colocara em um verdadeiro caixão. E zarpara, para onde somente Mala saberia dizer, com um sádico imortal como companhia.

— Aelin — começou Aedion, forçando um tom entediado da melhor

forma possível, mesmo com a mentira o sufocando — tem planos próprios, que só nos contará quando a hora chegar.

Ren não respondeu. E embora a rainha que o lorde acreditava ter retornado fosse uma ilusão, Aedion acrescentou:

— Tudo o que ela faz é por Terrasen.

Ele lhe dissera coisas tão terríveis no dia em que Aelin derrotara os ilken. *Onde estão nossos aliados?*, indagara ele. Ainda tentava se perdoar por aquilo. Por tudo. Tudo o que tinha era aquela única chance de consertar as coisas, de fazer como ela pedira e salvar o reino.

Ren olhou para as espadas gêmeas que descartara na mesa antiga atrás deles.

— Mesmo assim, ela partiu. — Não para Eldrys, mas dez anos antes.

— Todos cometemos erros na última década. — Os deuses sabiam que Aedion tinha muitos para consertar.

Ren ficou tenso, como se as escolhas que o assombravam tivessem cutucado suas costas.

— Eu jamais contei a ela — disse Aedion, baixinho, para que o falcão sentado nas vigas talvez não ouvisse. — Sobre a casa de ópio em Forte da Fenda.

Sobre o fato de Ren conhecer a dona e de ter sido um frequentador assíduo do estabelecimento mesmo antes da noite em que Aedion e Chaol tinham entrado lá com ele, quase inconsciente, para se esconder dos homens do rei.

— Você às vezes é um verdadeiro canalha, sabia disso? — A voz do jovem lorde ficou rouca.

— Eu jamais usaria aquilo contra você. — Aedion encarou os olhos revoltados, deixando que Ren sentisse o domínio que fervilhava nos dele também. — O que eu ia dizer, antes de você sair da linha — acrescentou ele quando a boca de Ren se abriu de novo —, é que Aelin ofereceu a você um lugar nesta corte sem saber sobre aquela parte de seu passado. — Um músculo se contraiu na mandíbula do lorde. — Mas mesmo que soubesse, Ren, ainda assim teria feito aquela oferta.

O rapaz estudou o piso de pedra sob as botas.

— Não há corte.

— Darrow pode gritar isso o quanto quiser, mas discordo. — Aedion

passou para a poltrona diante da de Ren. Se ele realmente apoiasse Aelin, agora que Elide Lochan tinha retornado e que Sol e Ravi de Suria provavelmente a apoiariam, isso daria à rainha de Aedion três votos a seu favor. Contra os quatro que se opunham a ela.

Havia pouca esperança de que o voto de Lysandra, como Lady de Caraverre, fosse reconhecido.

A metamorfa não pedira para ver a terra que seria seu lar caso sobrevivessem àquela guerra. Apenas se transformara em falcão na caminhada até lá e saíra voando por um tempo. Ao voltar, não tinha dito nada, embora os olhos verdes estivessem brilhando.

Não, Caraverre não seria reconhecida como território, não até que Aelin assumisse o trono.

Até que Lysandra fosse coroada no lugar dela, caso a rainha não retornasse.

Ela *retornaria*. Precisava retornar.

Uma porta se abriu na ponta do corredor, seguida por passos leves e apressados. Ele se levantou um segundo antes de um alegre “*Aedion!*” cantarolar pelas pedras.

Evangeline estava radiante, vestida da cabeça aos pés em roupas de lã verde debruadas de pele branca, os cabelos vermelho-dourados pendendo em duas tranças. Como as meninas das montanhas de Terrasen.

As cicatrizes se esticaram quando ela sorriu, e Aedion abriu os braços pouco antes de a menina se atirar neles.

— Disseram que você chegou tarde ontem à noite, mas partiu antes da primeira luz, e eu estava preocupada se deixaria de ver você de novo...

Ele lhe deu um beijo no alto da cabeça.

— Parece que você cresceu 30 centímetros desde a última vez que a vi.

Os olhos cor de citrino brilharam quando a menina olhou de Aedion para Ren.

— Cadê...

Um clarão de luz e ali estava ela.

Reluzente. Lysandra parecia reluzir conforme colocava uma túnica sobre o corpo nu, a roupa deixada em uma cadeira próxima exatamente para esse propósito. Evangeline se atirou nos braços da metamorfa, chorando um pouco de alegria. Os ombros dela estremeceram, e Lysandra sorriu, profunda e

calorosamente, acariciando a cabeça da menina.

— Você está bem?

Para o mundo inteiro, a metamorfa teria parecido calma, serena. Mas Aedion a conhecia — conhecia seus humores, os pequenos gestos. Sabia que o leve tremor nas palavras era prova do turbilhão agitado sob a linda superfície.

— Ah, sim — respondeu Evangeline, afastando-se para olhar na direção de Ren. — Ele e o Lorde Murtaugh me trouxeram para cá logo depois. Ligeirinha está com ele, aliás. Murtaugh, quero dizer. Ela gosta mais dele do que de mim, porque ele lhe dá guloseimas às escondidas o dia todo. Está mais gorda do que um gato doméstico preguiçoso.

Lysandra gargalhou, e Aedion sorriu. A menina tinha sido bem cuidada.

Como se ela mesma tivesse percebido aquilo, Lysandra murmurou para Ren, com a voz parecendo um leve ronronar:

— Obrigada.

Vermelho manchou as bochechas do lorde conforme ele ficava de pé.

— Achei que ela ficaria mais segura aqui do que no acampamento de guerra. Mais confortável, pelo menos.

— Ah, é um lugar maravilhoso, Lysandra — cantarolou Evangeline, agarrando a mão da metamorfa entre as suas. — Murtaugh até mesmo me levou para Caraverre uma tarde, antes de começar a nevar, quero dizer. Você precisa ver. As colinas e os rios e as belas árvores, tudo bem ali, contra as montanhas. Achei que tivesse visto um leopardo-fantasma escondido no alto das rochas, mas Murtaugh disse que era um truque da minha imaginação. Mas juro que era um... Maior até que o seu! E a casa! É a casa mais linda que já vi, com um jardim murado nos fundos que Murtaugh disse que estará coberto de vegetais e rosas no verão.

Por um segundo, Aedion não conseguiu suportar a emoção no rosto de Lysandra, que ouvia enquanto Evangeline tagarelava sobre os grandiosos planos para a propriedade. A dor do desejo por uma vida que provavelmente seria tomada antes que ela tivesse a chance de reivindicá-la.

Ele se virou para Ren, cujo olhar estava fixo na metamorfa. Como ficava sempre que ela assumia a forma humana.

Combatendo a vontade de trincar os dentes, Aedion falou:

— Você reconhece Caraverre, então.

Evangeline continuou o alegre tagarelar, mas os olhos de Lysandra deslizaram na direção deles.

— Darrow não é o Lorde de Allsbrook. — Foi tudo o que Ren falou.

De fato. E quem não iria querer uma vizinha tão linda?

Quer dizer, isso quando ela não estivesse morando em Orynth sob a pele e a coroa de outra, usando Aedion para gerar uma linhagem real falsa. Pouco mais do que um garanhão procriador.

Lysandra mais uma vez assentiu em agradecimento, e Ren corou ainda mais. Como se não tivessem passado o dia todo caminhando pela neve e matando os valg. Como se o cheiro de sangue ainda não estivesse agarrado a eles.

De fato, Evangeline cheirou o manto que Lysandra levava envolto no corpo e fez uma careta.

— Você está fedendo. Todos vocês.

— Modos — brigou a metamorfa, mesmo gargalhando.

A menina colocou as mãos no quadril em um gesto que Aedion vira Aelin fazer tantas vezes que o coração dele chegou a doer.

— *Você* me pediu para dizer se estivesse fedendo. Principalmente o hálito.

Lysandra sorriu, e Aedion resistiu ao repuxar dos próprios lábios.

— Pedi mesmo.

Evangeline pegou a mão dela, tentando levar a metamorfa pelo corredor.

— Pode dividir o quarto comigo. Tem um aposento de banho nele. — Lysandra deu um passo.

— Um belo quarto para uma hóspede — murmurou Aedion para Ren, erguendo as sobrancelhas. Devia ser um dos melhores ali, para ter o próprio banheiro.

O jovem lorde abaixou a cabeça.

— Era de Rose.

A irmã mais velha dele. Que fora assassinada com Rallen, a irmã do meio dos Allsbrook, na academia de magia em que estudavam. Perto da fronteira com Adarlan, a escola estivera diretamente no caminho das tropas invasoras.

Mesmo antes de a magia cair, teriam tido poucas defesas contra dez mil

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "(Trono de Vidro #6) Reino de Cinzas" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).